

POR UMA ARQUEOLOGIA DE CANUDOS E DOS BRASILEROS ILETRADOS

*Paulo Eduardo Zanettini**
Arqueólogo

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A comunidade científica baiana tomou conhecimento recentemente através da mídia, do lançamento da obra "Arqueologia Histórica de Canudos", editada pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha, Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

Julgo, antes de mais nada, como um dos co-autores, fundamental para contextualizar tal obra, embora já o tenha feito na introdução da mesma, haja vista o hiato temporal existente desde a sua produção até a sua publicação. Também, move-nos ainda, apesar de passados quase dez anos, a crença de que a releitura do fenômeno da gênese e destruição da comunidade de Canudos no sertão da Bahia não se efetivará de forma plena sem o olhar da arqueologia. Porém, uma arqueologia muito distinta e muito mais audaciosa do que aquela ora apresentada.

HÁ 10 ANOS DO CENTENÁRIO DE CANUDOS

Era gestado no seio da Universidade do Estado da Bahia, um dos mais ambiciosos projetos de resgate da memória regional. Dezenas de pesquisadores

* é bolsista pela CAPES, pós-graduado em arqueologia (MAE/USP), coordenador do Setor de Arqueologia Histórica de São Paulo.

dedicavam-se ao mapeamento dos mais variados suportes documentais: fontes orais, escritas, iconográficas, enquanto arqueólogos, geólogos e antropólogos voltavam seus olhares rumo ao Parque Estadual de Canudos, recém-criado às margens do Rio Vaza-Barris.

A região selecionada por meio de decreto do governo estadual abrigava na época vestígios de toda a sorte associados aos conflitos bélicos: fragmentos de louças, vidros, elementos metálicos (projéteis, cápsulas, pentes, cantis), estruturas de dimensões variadas (tocas, trincheiras), áreas de sepultamento. As condições geológicas locais nos legavam um grande sítio arqueológico de superfície, correspondente aos vestígios dos dois últimos grandes confrontos bélicos ocorridos entre canudenses e as forças legais, enfim, um complexo quebra-cabeças ao exigir uma leitura sistemática.

Obviamente, o objetivo primordial da equipe era o registro e mapeamento de tais ocorrências, de modo a se obter um quadro referencial inicial do campo de batalha com relação a ambas as facções envolvidas. Desse modo foram criadas coleções de referência, desenvolvidas tipologias das áreas de concentração de vestígios, de modo a entendermos, não só qual parcela dos objetos e estruturas estavam relacionadas à ocupação militar, mas também, aqueles oriundos das ações promovidas pelos próprios jagunços.

A medida que os levantamentos progrediam nos dávamos conta que a área oferecia também um primeiro approach para a compreensão de outros fenômenos, outras paisagens e épocas de ocupação dessa região do semi-árido baiano.

CANUDOS: OÁSIS MULTI-MILENAR

Em uma área determinada do parque, foram evidenciados vestígios fósseis de uma espécie de conífera. Alguns exemplares servem de testemunho cabal da ocorrência de vetustas florestas às margens do Vaza-Barris (truncos fossilizados chegam a ter mais de 2 metros de diâmetro e 12 metros de altura). Em cacimbas ancestrais reescavadas os moradores resgatavam fragmentos de grandes mamíferos extintos e praticamente espalhados por toda a área, utensílios e detritos indicando intenso trabalho em pedra (pontas de flecha, raspadores, perfuradores, etc), nos comprovando a passagem e permanência de populações ainda desconhecidas, mostrando mais uma vez as facilidades oferecidas pela região num amplo espectro temporal, com relação à atividade humana. Não muito distante do parque, inscrições rupestres nos indicavam outras formas de ocupação humana ao longo do tempo na região.

Por sua vez, a realização de um cadastro global das estruturas habitacionais do PEC conduziram à identificação de "sedes de fazendas" contemporâneas, e quiçá, anteriores à instalação de Belo Monte, em 1893. Enfim, a sobreposição de vestígios nos indicava a região como extremamente favorável à ocupação humana numa larga faixa de tempo a merecer uma investigação minuciosa e rica.

Não é de se estranhar, que após pervagar durante anos por uma extensa porção de terra, Antônio Conselheiro tenha decidido se instalar com sua gente naquela região. Também nos parece bastante lógico que estudos tenham determinado há algumas décadas a instalação, exatamente naquela porção do Vaza-Barris, do gigantesco açude de Cocorobó, local com maior probabilidade de captação de água em toda a extensão desse rio.

Por outro lado, nos instigava cada vez mais, a hipótese de mergulhar a fundo em aspectos da dinâmica e cotidiano e, sobretudo, na sabedoria canudense, nessa civilização do couro, nessa experiência brasileira dos conselheiristas, talhada sob as condicionantes ambientais da caatinga.

Para tal, começávamos a identificar elementos do sistema defensivo de Canudos, expresso inicialmente em inumeráveis linhas de trincheiras e tocas, tomadas a muito custo pelo exército brasileiro. Ali estava expressa a vontade de defender a qualquer custo aquele ideal de civilização cabocla. Para a equipe, essas trincheiras tinham de ganhar voz e recontar à moda sertaneja uma história sepulta sob as águas do Vaza-Barris. Nos hospitais de sangue e sepulturas outros tantos brasileiros poderiam erguer-se de suas covas rasas e valas comuns para narrar por meio de minuciosas e detalhadas medidas antropométricas condições de vida e do cotidiano nos acampamentos - o soldado comum, o praça também foi totalmente relegado ao esquecimento. Curiosamente, a única exumação realizada no interior do parque nos mostrou a presença da mulher no campo de batalha. Perguntamo-nos: onde estão as mulheres nessa história reescrita por homens e que papel tiveram em ambas as facções do conflito? Muito se fala de Pedrão, os irmãos Vilanova, de Beatinho e quase nada das milhares de beatas, mães, irmãs e jovens que presenciaram o calor do combate naquele pedregoso deserto. Basta olhar para a mais forte das fotos dos sobreviventes de Canudos, registrada pela câmara de Flávio de Barros para percebermos que andamos deixando muita coisa de lado...

Por falar em deserto, também lançávamos mão de algumas outras ciências para avaliar o *stresse ecológico* derivado da grande concentração de gente ao

redor de Canudos. Possivelmente, muito menos gente do que a história escolheu consagrar - pelos mais diversos motivos, através da duvidosa fórmula militar de contagem das casas destruídas do arraial conselheirista. Dificilmente, Canudos chegou a conhecer uma população de 25 mil indivíduos. Curiosamente a equipe do cineasta Sérgio Resende inicia a filmagem às margens do Rio São Francisco, longe de Canudos, devido a inexistência total de infraestrutura capaz de manter a imensa equipe e filmagens durante as filmagens.

DEVOLVENDO A VOZ AOS CANUDENSES

Concluído a etapa de reconhecimento arqueológico do parque, nos preparávamos para desenvolver a pesquisa em outras áreas. Simultaneamente, crescia a consciência de que o entendimento de Canudos exigia uma abordagem de caráter regional, dilatando vertiginosamente nossa tarefa.

O exame atento das fotografias tiradas por Flávio de Barros, ao mesmo tempo que nos mostram a terrível visão da destruição, também nos exibem uma cidade "rica" em viveres, plena de utensílios para acondicionamento, uma cidade preparada para o combate, mesmo em condições de penúria. Em oposição, o exército viveu duramente meses, largado à mingua, vindo a conhecer seus últimos extortores, transformando seus cantis em raladores, restos de garrafas de cachaça em decorticadores, quase que num retorno à pré-história, extraindo da terra algo para garantir a sua sobrevivência.

Dia após dia, víamos nossas idéias aplicadas em cartas e mapas fazer ressurgir uma Canudos cada vez mais dilatada e extensa. Em oposição à Tróia de Barro e palha euclidiana e sua elips e de muralhas naturais, começávamos a articular as partes de um imenso sistema, que via seus limites confundirem-se aos próprios limites da bacia hidrográfica do Vaza-Barris. Para entender Canudos, teríamos de colher informações na Várzea da Ema para saber se de fato era de lá que vinham os suprimentos proteicos; para além da Serra Vermelha, na região da Toca de Pedra, poderiam ter se aplicado os canudenses em suas roças de mandioca, que nutriram ao longo de quase um ano a munição de boca em Belo Monte. E a pólvora era fabricada em Canudos? Trazida do São Francisco? Ou garantida dessas duas formas?

A capacidade defensiva do arraial, expressa também nas inúmeras tocas e linhas de trincheiras implantadas às meias encostas e topos de colinas iam expondo velozmente uma concepção geoestratégica refinada, capaz de manter ativos e eficientes sistemas de comunicação que mantinham o "quartel general"

permanentemente informado em relação aos avanços das tropas legalistas. Canudos começava a ressurgir como um projeto de vida comunitária mais ambicioso, além de um viés milenarista, mais adiante do campo da rebeldia primitiva "hobsbawniana", tangível à medida que nos debruçávamos sobre a terra e cultura material sertaneja.

Porém, condicionantes na época, levaram a brusca interrupção do projeto, afastando as possibilidades de continuidade, sobretudo, da manutenção da equipe no campo, nos restando fazer as malas e retornarmos à Salvador, redigindo os relatórios pertinentes, lhes sendo conferido após o triste local das prateleiras e o esquecimento.

DEZ ANOS DEPOIS, ÀS VÉSPERAS DO CENTENÁRIO

Os ventos passaram a soprar novamente em direção às águas do açude de Cocorobó. O Parque Estadual de Canudos saiu do papel e começou a ganhar seu contorno, e se preparar para receber gente de todos os cantos do planeta. E precisa estar corretamente concebido.

Durante quase uma década, a região recebeu uma visitação desordenada por parte de curiosos e depredadores, sem qualquer consciência da dimensão cultural daquele sítio histórico. Os vestígios, em sua grande maioria superficiais, como já foi dito anteriormente, são extremamente fugazes e vem sendo sistematicamente coletados e destruídos por profanadores daquele santuário. E não se trata de proselitismo, tampouco de reserva de mercado!

A própria tentativa de releitura do fenômeno dentro de uma perspectiva "politicamente correta", acabou promovendo desde 1893 - data de instalação do Conselheiro em Canudos, romarias e eventos com efeitos também danosos e muitas vezes irreversíveis, como pudemos constatar recentemente em áreas de grande fragilidade como os sítios funerários: combatentes e quiçá, canudenses foram revirados e arrancados de seu último leito no Vale da Morte.

Torna-se necessário deixar expressa a nossa preocupação, pois há dez anos conhecemos outra história. Que efetivas medidas sejam dessa vez tomadas, sem interrupções, mesmo após as comemorações do Centenário, pois em breve, o Brasil irá ver o filme, ler o livro, a novela global e irá despertar para esse Brasil desconhecido. Cabe às instituições políticas, culturais e à própria sociedade civil baiana assumir a responsabilidade pela preservação desse imenso museu ao ar livre, que é, na verdade, patrimônio nacional, e como tal, merece permanecer como legado as novas gerações de brasileiros que estão por nascer.

PODE A ARQUEOLOGIA DE FATO CONTRIBUIR PARA A REELEITURA DE CANUDOS?

Os objetos, vistos como uma espécie de resíduo físico das relações sociais, como suportes de relações sociais, analisados dentro de uma perspectiva relacional são capazes de falar sobre diversos aspectos e instâncias das relações humanas ao longo do tempo de forma cabal e quiçá, capazes de fornecer elementos para reescrevermos a nossa própria história.

A arqueologia, livre de seus fundamentos positivistas, está no “ponto de fruta madura” para oferecer inovativas e instigantes abordagens do passado do homem brasileiro como vem fazendo Arno A. Kern na região das missões jesuíticas no sul, Tânia Andrade Lima, nas fazendas do vale do Paraíba e cemitérios cariocas, Margarida D. Andreatta, nas casas dos bandeirantes paulistas; Pedro Funari e Charles Orser Jr. no coração de Palmares, Carlos Magno, em quilombos mineiros e tantos outros arqueólogos em solo brasileiro e no exterior. O fundamental, é promover o intercâmbio entre disciplinas. Do diálogo entre a arqueologia e a antropologia história, geografia, sociologia e demais disciplinas que será certamente possível estabelecer uma abordagem mais concreta do fenômeno humano, e sem dúvida daquele imenso sertão iletrado.

Uma abordagem arqueológica de Canudos ainda está para nascer. Pena que os primeiros passos dados há dez anos nesse sentido tenham sido tolhidos. Éramos jovens, audaciosos, pretensiosos, porém, estávamos caminhando no rumo em direção à caatinga...

REVISITANDO CANUDOS HOJE NO IMAGINÁRIO

POPULAR (MONOGRAFIA *)

Patricia de Santana Pinho(**)

Orietadora: Prof^ª Dr^ª Maria Teresa Sales de Melo Suarez
dez. de 1993

APRESENTAÇÃO

Conheci a região de Canudos em 1991 e desde então tenho ido lá frequentemente. Nestas oportunidades, tenho sempre procurado conversar com os canudenses e ouvir o que eles tem a contar sobre o episódio de Canudos. A partir dessas conversas e das impressões que tive da cidade - onde se percebe fortes referências ao passado (FOTOS 1,2,3,4,5 e 6) - despertou-me a curiosidade de conhecer a versão popular da história de Canudos. Em outras palavras, busquei retratar e analisar como o povo que vive hoje em Canudos conta a sua própria história. Para tanto, comecei uma pesquisa na região, com o intuito de abordar sociologicamente o imaginário popular presente hoje em Canudos.

Esta monografia é resultado da pesquisa, iniciada em agosto de 1992, quando me foi concedida uma bolsa de Iniciação Científica pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), com duração de um ano.

A parte inicial da pesquisa foi predominantemente teórica. De agosto a dezembro de 1992, dediquei-me a levantar a bibliografia necessária para um

* Monografia suplemento da Revista que obteve o 1º lugar no Concurso do Centenário de Canudos, promovido pela UNEB em 1993.

** Mestranda da UNICAMP / IFChE Departamento de Sociologia - 1993.